A CONDIÇÃO CONTEMPORÂNEA NO COTIDIANO ESCOLAR: O MEDO RELATADO POR PROFESSORES

Profª Drª Maria Lúcia de Amorim Soares – Uniso – Maria.soares@uniso.br
Profª Drª Eliete Jussara Nogueira – Uniso – eliete.nogueira@ubiso.br

RESUMO

Este trabalho buscou compreender alguns aspectos da sociedade contemporânea a partir: de sua suposta condição pós-moderna, ou modernidade líquida, ou hiper modernidade; da expansão dos processos globalizantes; e das tecnologias de informação, presentes no cotidiano escolar. Rompida as certezas do mundo moderno, a utopia do controle sobre tudo também cedeu lugar às ansiedades constantes, o medo parece estar presente no cotidiano do ser humano contemporâneo. Com esse foco, foi realizada uma investigação exploratória sobre o medo dos professores, identificando medo com o próprio desempenho e com incapacidade de lidar com o comportamento de alunos.

Palavras-chave: medo, cotidiano escolar, mundo contemporâneo.

INTRODUÇÃO

Para este trabalho, a realidade chama-se contemporâneidade, presença real de sentimentos: medo, ansiedade, novidade, possibilidade, angústia, sonho, o nada concreto – no sentido corpóreo datável, mas, tudo presente, no sentido de sentir e modificar. Esta pesquisa buscou compreender alguns aspectos da sociedade contemporânea a partir: de sua suposta condição pós-moderna, ou modernidade líquida, ou hiper modernidade; da expansão dos processos globalizantes; e das tecnologias de informação, presentes no cotidiano escolar. Com a análise dos referidos temas, pretendemos

investigar as repercursões do advento da sociedade contemporânea no cotidiano escolar. Rompida as certezas do mundo moderno, a utopia do controle sobre tudo também cedeu lugar às ansiedades constantes, o medo parece estar presente no cotidiano do ser humano contemporâneo, vivências são bloqueadas principalmente pelo medo da morte. Compreender a realidade, na medida do possível é buscar um auto conhecimento, uma compreensão de nós mesmos, da identidade, da historicidade, enfim de nossa transformação.

A pós-modernidade, neste trabalho, não será encarada, pura e simplesmente, como um agente representacional de uma realidade. Nesse sentido, não deve "transmitir a idéia de uma periodização histórica" conforme Featherstone (1995) já que periodizar é um ideal ainda clássico ou moderno. Talvez apenas indicar "uma disposição de espírito, ou melhor, um estado da mente" (p.20). Este estado da mente acompanharia, forjando, "uma nova totalidade social, com seus princípios organizadores próprios e distintos"(p.20).

Smart vai caracterizar a pós-modernidade como um período o qual vive-se sob os auspícios da herança das "incertezas da modernidade" (1993, p.12) numa ordem de participação democrática multifacetada, de humanização da tecnologia, um tempo novo com problemas antigos. Um dos questionadores desse momento, apresentado por Smart, é Umberto Eco, que chama de "neomedievalismo" o que é chamado de pós-modernidade, apresentando características que se encontram na Idade Média:

- O desmantelamento ou ruptura de uma grande paz, ou ordem, que, por sua vez, cria um vazio de poder e precipita a crise econômica;
- As transformações na vida urbana;
- E o clima de risco, que é dado pelos problemas do desenvolvimento econômico.

As transformações, no mundo contemporâneo, modificam em relação ao período anterior, as formas de pensar, sentir e agir, marcadas agora não

mais pela unidade dos grandes ideais que caracterizam a modernidade (Deus, Razão, Verdade, Totalidade, Estado, Família, etc.), construídas numa dimensão temporal ligada a valores de permanência e continuidade, mas por uma simultaneidade da busca do prazer imediato associado a um sentido predominante do flutuante, do transitório e do fragmentado (SMART, 1993).

A vida cotidiana é colocada nos valores e virtudes da instantaneidade e da descartabilbidade como assinala Harvey (1989): são jogados fora não só objetos, mas estilos de vida, relacionamentos, tradições que "se desmancham no ar" ao sabor do mercado. A experiência cotidiana força a adaptação à transitoriedade, ao bombardeamento de estímulos. Esta volatilidade/efemeridade favorece o surgimento de formas caricaturais de individualismo com traços exacerbados de narcisismo, enquanto a fusão grupal substitui as antigas distinções individuais. O sujeito precisa aprender a responder rapidamente às mudanças e desenvolve, muitas vezes, respostas defensivas, com simplificação na apreensão de si mesmo e na interpretação dos acontecimentos.

Resumindo algumas das características da pós-modernidade, temos: a presença de sistemas abertos; a ausência de verdades totalizantes, a descrença nas metanarrativas; niilismo e a suspeita sobre a razão iluminista; o princípio de indeterminação na ciência; a mídia na representação do mundo; o indivíduo humano como irônico, cínico, fragmentado; nova concepção de tempo e espaço; imediatismo e hedonismo, culto ao presente, ao corpo, o gosto de si mesmo; fragmentação do tempo numa série de presentes perpétuos; predomínio da linguagem imagética sobre o verbal ou textual; a estética em substituição aos valores éticos, norteados pela mídia e pelo consumo; novas formas de relações sociais; o surgimento de relações virtuais possibilitadas pelo desenvolvimento da informática e da cultura digital; o fim da história, a perda do sentido emancipatório da história e da fé no progresso ou qualquer utopia que apregoa a construção de um mundo mais humano.

O processo de globalização da sociedade contemporânea pode ser compreendido quando associado a uma nova fase de expansão do mundo de produção capitalista, que passa a ter um alcance mundial. Consiste numa reprodução ampliada, em escala global, de ordem capitalista, implicando uma nova divisão internacional do trabalho e da produção. Entretanto, no final do século XX é que se cristalizam, além do conjunto de fenômenos econômicos, os fenômenos políticos e culturais que transcendem nações e povos. São esses fenômenos que permitem falar da "globalização das sociedades" e da "mundialização da cultura" (Ortiz, 1997).

A mundialização, que se refere à cultura, expressa uma "concepção de mundo", no interior da qual convivem outros universos simbólicos diferenciados, conforme as nações, regiões ou localidades específicas, mas seguindo sempre um "padrão civilizatório". Nesse contexto, "às diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência (BOURDIEU, 1994. p. 82). É a mundialização, criando novas categorias de estilo de vida, que leva à compreensão das subjetividades contemporâneas, já que a construção das identidades sob o signo do consumo deixa de ser um produto as intenções humanas para ser um produto das interações mercantis.

A lógica da "coisificação: é só a medida que o homem consome mercadorias, cujas demandas já foram antecipadas por meio de pesquisas mercadológicas, que ele adquire uma identidade reconhecida. É o objeto que lhe empresta significado. O discurso de Lipovetsky (1991, p.173-4) argumenta nesse sentido:

> Hoje, o imperativo industrial do novo se encarna numa política de produtos coerente e sistemática, diversificando e desmassificando a produção. O processo da moda despadroniza os produtos, multiplicando as escolhas e as opções. Com a multiplicação do espectro, versões, opções, cores,

> séries limitadas, a esfera da mercadoria entrava em ordem da personalização. [...] Consumimos, através dos objetos e das marcas, dinamismo, elegância, poder, renovação de hábitos, visibilidade, feminilidade, idade, refinamento, segurança, naturalidade, umas tantas imagens que influem em nossas escollhas; seria simplista reduzir isso só aos fenômenos de vinculação social quando precisamente os gostos não cessam de individualizar-se.

Os meios de comunicação de massa e a informática são os atuais responsáveis por uma nova forma de compreensão das relações espaciais e temporais. Em especial, os recursos tecnológicos oriundos da eletrônica e da informática: o sistema de redes e multimídia, o computador, o fax, o celular e outros meios miniaturizados, que engendram um verdadeiro "rearranjo do mapa do mundo" (IANNI, 1997, p.16). Todo esse arsenal cria uma "ilusão de que o mundo é imediato, presente, miniaturizado, sem geografia nem história" (Idem, p.33).

O quadro 1, nos dá uma idéia clara, apesar de esquemática, das transformações culturais ocorridas na Idade Clássica, Moderna e Pós-Moderna, denominadas por Debray (1994) de Idade da Escritura, da Imprensa e do Audiovisual. A análise do quadro incita à reflexão sobre implicações psicossociais das mudanças na subjetividade do homem contemporâneo e na estruturação dos atuais vínculos sociais:

Quadro 1: As Três Idades da Humanidade

Idades da Humanidade	**Escritura**	**Imprensa**	**Audiovisual**
Meio estratégico	A Terra	O Mar	O Espaço
Idade canônica	O Ancião	O Adulto	O Jovem
Classe Espiritual	Igreja	Intelligentsia	Mídias
Sacrosanto social	O Dogma	O Conhecimento	A Informação
Motor de obediência	A Fé	A Lei	A Opinião
Modo de influir	A Predicação	A Publicação	A Aparição

Controle dos fluxos	Eclesiástico	Político	Econômico
Estatuto individual	Súdito (a ordenar)	Cidadão (a convencer)	Consumidor (a seduzir)
Mito de identificação	O Santo	O Herói	A Estrela
Dito de autoridade	Deus me disse	Li num livro	Vi na televisão
Centro de gravidade subjetivo	A alma	A consciência	O Corpo

A idade audiovisual, que corresponde à pós-modernidade caracteriza-se pelo poder dos meios de comunicação de massa, que se erigem em protagonistas de indiscutível influência social fornecendo informação no contraponto do dogma e do conhecimento. Um novo mito de identificação surge: a estrela, substituindo aos santos e aos heróis.

Na sociedade pós-moderna, todas as tecnologias de vanguarda (biotecnologias, inteligência artificial, robótica, informática, audiovisual, marketing, e publicidade) convergem para a "comunicação". Para Sfez (1994), comunicar é o modo simbólico característico das sociedades fragmentadas, lugar onde nação, liberdade e igualdade não norteiam mais seus membros. As atuais sociedades perderam sua memória e não mais se valem da história como fonte de coesão, mas da comunicação como recurso para a adesão social. Essa comunicação não tem por fim a ordenação das trocas simbólicas entre os homens, uma vez que é veiculada por meio de objetos técnicos. A "adesão", neste caso, é um movimento que não integra os homens entre si, nem produz sentido, visto que todos, de modo isolado, podem convergir e aderir a um modelo, a um estilo, a uma fonte, sem nunca estabelecer qualquer relação de sentido.

As mudanças ocorridas nas últimas décadas aqui levantadas revelam o aguçamento de alguns de seus elementos. Numa espécie de globalização fragmentada, estratificada e competitiva, encontra-se o medo que produz sensações poderosas. O medo da aproximação da morte, a desgraça

personificada. A grande cidade um símbolo visível do triunfo humano sobre a natureza, encontramos velhos medos; crescimento urbano desordenado é visto como uma selva, mas a maior ameaça são as outras pessoas. Certos bairros são evitados por serem povoados por criminosos, ou bandos de adolescentes arruaceiros, ou por rótulos de violência, ou pontos de venda de drogas, entre outros motivos para temer o outro. Essas trurbas se movem e destroem, são "insensatas", com intenção de produzir o caos. Para os governantes a multidão é potencialmente perigosa e precisam ser controladas e em muitos casos os políticos utilizam do medo para construir suas campanhas de eleição.

Desde os tempos mais remotos, o medo acompanha a trajetória humana, seja como ansiedade específica do indivíduo, seja como característica da sociedade humana, configurado no meio ambiente real, no mundo, infantil de fantasmas e bruxas ou no íntimo da pessoa, por meio dos estados psicológicos mais sutis.

No ser humano, a imaginação e o conhecimento podem aumentar o medo, provocando sensações negativas largamente subjetivas, sem relação direta com o ambiente factual. Medo é um sentimento complexo constituído por dois componentes: sinal de alarme e ansiedade. O sinal de alarme é detonado por um evento inesperado, cuja resposta instintiva é enfrentar ou fugir. A ansiedade é uma sensação difusa de medo, um pressentimento de perigo quando nada existe nas proximidades que justifique o medo.

Os contos de fadas infantis, as lendas dos adultos, os mitos cosmológicos, os sistemas filosóficos, as casas, os campos de cultivo, as cidades, a cerca no jardim, os altos muros que enclausuram hoje as casas, a proteção do radar são refúgios construídos na tentativa de manter controladas as forças hostis.

Na pista de nossos medos, Duby (1997) relata os impasses, ansiedades e medos coletivos, do início do segundo milênio e relaciona com os medos e

ansiedades da sociedade atual. Em sua análise de documentos referente ao período feudal, a respeito das condições históricas, aponta um momento de avanço tecnológico na agricultura, em uma sociedade atormentada pela fome, epidemia, guerras. Neste contexto aparecem: o medo da miséria; medo do outro; das epidemias; da violência e do além. A sociedade contemporânea, no contexto de transformações tecnológicas rápidas, com novos formas de trabalho, deparamo-nos também com o medo da miséria, das diferenças étnicas, da violência local e global, o terrorismo, as guerras, a insegurança, problemas espirituais, ou seja, continua a se debater com os mesmos medos.

A escala global e o futuro são novos medos. Os jornais e a televisão trazem exemplos diários de situações amedrontadoras: os ataques do terror, os assassinatos e os assaltos são o rosto de hoje.

Nossas idéias, nossa existência são imobilizadas por medos, principalmente o medo da morte. Atualmente temos medo de tudo: do sexo, da comida, da globalização, da gripe aviária, da vaca louca, do seqüestro, da bomba, do fim do planeta, e de outras tantas coisas, mas principalmente do outro. Mas o que fazemos por causa do medo? Como nos relacionamos?

Na análise do sociólogo Baumam, comportamos como o tipo de sociedade apresentada nos "reality shows", como por exemplo, o "Big Brother", que segundo Baumam (2008), não é preciso fazer algo para "merecer" a exclusão, estes programas mostram que o destino inevitável é a exclusão. A regra estabelece uma cota de exclusão que precisa ser preenchida e ninguém questiona, seguimos a mensagem "não confie em ninguém", as amizades e parcerias ficam então inseguras.

A sociedade atual tem experimentado sentimentos de insegurança existencial e a individualização moderna a responsável por boa parte dessas sensações. O incentivo ao esforço individual, em busca da felicidade, de auto-ajuda, muda as relações de solidariedade, afasta as pessoas, que

privados da rede de apoio, constroem um campo de temores disseminados de perigos generalizados, nem sempre com respaldo da realidade. Baumam (2007) enfatiza o papel do Estado como administrador do medo, e nos tempos atuais, as proteções artificiais (pois não são da natureza das pessoas, mas criadas pelo estado), estão em processo de remoção ou sendo desmontadas.

O medo primeiro, é o da morte, temos consciência que vamos um dia morrer, conviver com essa verdade, se tornou insuportável. "O medo da morte satura a totalidade da vida (Baumam, 2008, p.59), e esse medo original, talvez seja o "protótipo ou arquétipo de todos os medos"(idem,p.73).

> O significante particular que estamos considerando – a "morte"- é, neste contexto, estranhamente poderoso, e de uma forma singular. Em parte porque é ambivalência encarnada: a iminência da morte enche a vida até a borda de medo primal (foi para tornar esse medo inteligível, pode-se afirmar, que se criou o mito etiológico do pecado original de Adão e Eva), mas também funciona, pelo menos *in potencia*, como um estimulante extremamente poderoso. (BAUMAM, 2008, p.71)

O medo pode ser manipulado para vários fins, na sociedade atual, principalmente para o consumo. Estudar o medo para ressignificar coragem, esclarecer a vida do ser humano na configuração contemporânea, na tentativa de entender o que significa viver neste mundo.

O cotidiano da escola pode mostrar imagens, pichações, desenhos nas portas de banheiros, grades nas janelas, portas com trancas, câmeras de vigilância para controle da disciplina, porteiros, ronda policial, denúncias, boletins de ocorrência policial, entre outras imagens, atitudes e comportamentos que revelam um medo, que não se enfrenta, não se supera, apenas se submete a ele.

Ao ler tantas imagens de medo, questionamos o cotidiano escolar e as relações humanas nele presente. O que estamos realmente ensinando para nossos alunos? Sob quais processos de controle estamos expondo crianças e qual será a conseqüência de perder a liberdade em nome da sensação de segurança?

O medo pode provocar modos de interação distintos dos ideais perseguidos pela educação: solidariedade, ações coletivas que promovam rede de relações mais humanas, entre outros. Dessa forma, estudar o cotidiano da escola se faz necessário, e como agente importante nas interações saber sobre o professor e seus medos pode dar indícios de seus comportamentos frente a condição contemporânea.

RELATO DE PROFESSORES SOBRE SEUS MEDOS

Com objetivo de realizar um estudo exploratório, para conhecer quais os medos que o professor apresenta no cotidiano escolar, foi desenvolvida uma pesquisa de levantamento, com 54 professores da rede pública (36) e privada (18) em diferentes níveis de formação. Foi utilizado um roteiro para coleta de dados pessoais dos professores e duas questões principais: 1)qual seu maior medo pessoal? e 2)qual seu maior medo enquanto professor?
A maioria dos professores entrevistados tem entre 30 e 40 anos, são mulheres, com formação superior em Pedagogia, ministram aulas há mais de 10 anos, em escolas do interior de São Paulo, na região de Sorocaba.

Quanto ao medo pessoal, os relatos (40,8%) apontam para a morte, como principal medo, a própria e ou de familiares, pessoas afetivamente próximas, medo da solidão. O medo da violência foi citado em menos proporção (6%).

"De morrer antes de ver meus filhos casados e com trabalho".
"Medo de morrer".
"Medo de doenças".

"Enlouquecer, ficar incapaz, perder a esperança e não ter mais perspectivas de futuro".
"Medo de perder pessoas da família".
"Da solidão, de algo ruim que possa acontecer com minha família".
"De perder meus pais e meu namorado".
"Enfrentar a violência nas cidades que estão crescendo cada vez mais".
"Violência, desemprego e solidão".
"De assalto".
"No momento o meu maior medo é frente a violência, pois a nossa impotência frente a ela é cada vez maior".

A maioria dos entrevistados (66,6%) trabalha na rede pública, portanto com certa estabilidade de emprego, talvez o resultado com a maioria da rede particular revelasse um medo maior com o desemprego. A violência urbana, também é citada já que no contexto das grandes cidades é uma realidade que convivemos principalmente por meio da divulgação da mídia. Porém, podemos observar que para este grupo de professoras, mulheres da faixa etária na meia idade, a tarefa evolutiva de cuidar, ainda é muito importante, com preocupação na segurança dos filhos e da família em geral.

Quanto ao medo no cotidiano escolar, os professores, 55%, apontam para o medo frente ao controle dos alunos e ou do conteúdo disciplinar., citam como principais medos a indisciplina dos alunos e medo em não conseguir fazê-los aprender.

"De aluno indisciplinado e de não conseguir ensinar os alunos".
"Não atingir todos os alunos e fazê-los aprender. Da falta de respeito pelo professor e perder a postura profissional".
"Iniciar um trabalho com alunos que apresentem dificuldades na aprendizagem e ao término do ano não colher bons resultados".
"De não conseguir me impor e controlar a sala, de passar dos limites ao brigar com algum aluno, de não saber que conteúdo dar, de não saber

preparar as atividades necessárias, de não conseguir explicar algo, de que algum aluno se machuque seriamente estando comigo".
"Não estar sendo suficientemente competente para atingir os objetivos propostos pela Secretaria de Educação do Estado de SP e não dar aos meus alunos tudo o que gostaria de passar para eles".
"Medo de ficar sem emprego".
"Ficar sem emprego e não poder dar aulas".

A insegurança com relação ao emprego também foi relatada pelos entrevistados, o medo de não corresponder às expectativas da escola, e objetivamente o medo de perder o emprego.

"Não estar sendo suficientemente competente para atingir os objetivos propostos pela Secretaria de Educação do Estado de SP e não dar aos meus alunos tudo o que gostaria de passar para eles".
"Medo de ficar sem emprego".
"De não ter sala para lecionar".

Parece existir, nos relatos, uma insegurança generalizada com relação à competência em ministrar aula. Essa insegurança reaparece nas respostas das expectativas com relação ao trabalho direto com o aluno sendo que as professoras, com mais de 10 anos de prática, qualificadas com nível superior de ensino, sentem medo de não atingir os objetivos frente a seus alunos, aos pais dos alunos ou secretaria do estado. Esse medo pode revelar uma auto percepção de incompetência, ou seja, uma subjetividade negativa com relação a própria capacidade em ser docente.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, foi realizado um levantamento de características da chamada pós-modernidade. Se a modernidade pode ser entendida como um processo de crescente racionalização de produção, de organização social e da vida cotidiana, a pós-modernidade é um momento de grandes transformações sociais provocadas por um desenvolvimento sem precedentes da ciência e da técnica. Esse novo momento leva à mudanças significativas nos valores, atitudes e comportamento dos indivíduos.

Frente a essa constatação estendemos que não há possibilidade de empreender uma análise das subjetividades contemporâneas sem uma compreensão das mudanças ocorridas nas atuais sociedades ocidentais, como também não podemos interpretar tais mudanças isolando-as da estrutura da personalidade dos indivíduos.

Se, antes os ritos institucionais designavam modos de subjetivação mais ou menos lineares, lastreados temporal e espacialmente nos processos de institucionalização, hoje as subjetividades são descentradas. Segundo Stuart Hall (2003), as identidades contemporâneas – e nelas as do professor, estão atravessadas por processos de fragmentação, descontinuidade e porosidade:

> Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confortadas por uma multiplicidade desconcertante e confortadas cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (p.13)

A continuidade do estudo sobre o medo no cotidiano da escola pretende revelar, não apenas o medo, mas, como nos comportamos e nos relacionamos por causa dele. A vida social se altera quando as pessoas vivem atrás de muros, contratam seguranças, dirigem carros blindados, portam armas, e freqüentam aulas de artes marciais. O medo nos estimula a assumir uma atitude defensiva, porém, a ação defensiva confere proximidade ao medo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAM, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. Tempos líquidos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BOURDIEU, P. Gosto de classe e Estilo de Vida. In: ORTIZ, R. (org.) **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1994, p. 82-121.

CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio: Lições Americanas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO,A.F. O Discurso da Valorização do Ser Humano na Pós-Modernidade: Um Desafio à Educação. **Pró- Posições**, vol 11, 3(33), Novembro, 2000, p. 107-116.

DEBRAY, R.**Vida e Morte da Imagem: uma História do Olhar no Ocidente.** Petrópolis: Vozes, 1994.

DUBY, Georges. **Ano 1000, ano 2000:** na pista de nossos medos. São Paulo: Unesp, 1997.

FEATHERSTONE, M. **Cultura do Consumo e Pós-Modernidade**. São Paulo: Nobel, 1995.

HALL,S. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPA, 2003.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna: uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. São Paulo: Loyola, 1989.

IANNI, O. **A era do Globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo: a Vida Americana numa era de Esperanças em Declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LIPOVETSKY, G.**O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

OLIVEIRA,M.K. Ciclos de Vida: Algumas questões sobre a psicologia do Adulto. **Educação e Pesquisa**, 30(2): 211-229, maio/agosto, 2004.

ORTIZ, R.**Um outro Território: Ensaios sobre a Mundialização**. São Paulo: Olho d'água, 1997.

SEVERIANO,M.F.V.;ESTRAMINA,J.L.A. **Consumo, Narcisismo e Identidades Contemporâneas: uma Análise Psicosocial**. Rios de Janeiro: EduERJ, 2006.

SFEZ, L. **Crítica da Comunicação**. São Paulo: Ed. Loyola, 1994.

SMART, B. **A Pós-Modernidade**. Portugal: Publicações, Europa- América, 1993.

SEVENKO, N.**Pós-Modernidade.** Campinas: Ed. Unicamp, 1987.

TOURAINE, A. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1995.